

ENUMERAÇÕES OBSCURAS EM NUNO JÚDICE

Graciele Batista GONZAGA
Universidade Federal de Minas Gerais
gracielebg@gmail.com

RESUMO:

A partir da ideia de Alfonso Bernardinelli de que "a situação da solidão" possibilitaria um "aprofundamento da singularidade da própria experiência", tem-se como objetivo analisar os poemas da obra "Enumeração de sombras", de Nuno Júdice. Neste livro, tem-se uma relação da solidão, caracterizada pelas estações do ano, como o inverno e o outono, com o isolamento do sujeito poético ao invocar as sombras por meio de uma obscuridade intencional sobre a própria poesia. Através de um processo de interiorização do sujeito lírico marcado pelas imagens de sombras e de elementos do campo associadas às estações do ano, vê-se uma tentativa de exaltação a natureza, assim como de sua efemeridade e de sua decadência. Além disso, o poeta evoca os mitos gregos, como de Orfeu e Eurídice, que é uma das sombras enumeradas na obra citada, para dá ênfase a obscuridade. Tendo-se, ainda, uma referência à reminiscência que estabelece um diálogo com o sentimento de uma vaga totalidade, sendo uma espécie de profecia através de um desdobramento das vozes poéticas. Desse modo, as imagens de "Enumeração de sombras", de Nuno Júdice são uma espécie de evocação das sombras, da escuridão da própria poesia e do sujeito lírico que busca por uma poética voltada para elementos da natureza, assim como filosóficos.

Palavras-chave: Poesia; obscuridade; enumerações; singularidade.

*"agora que os evoco, um a um, na
lenta enumeração da memória."*

A partir da ideia de Alfonso Bernardinelli de que "a solidão, o aprofundamento da singularidade da própria experiência, pode ter diversos efeitos sobre a linguagem" (BERNADINELLI, 2007, p. 23), vê-se que nos poemas da obra "Enumeração de sombras", de Nuno Júdice, tem-se uma relação da solidão, caracterizada pelas estações do ano, como o inverno e o outono, com o isolamento do sujeito poético ao invocar as sombras por meio de uma obscuridade intencional sobre a própria poesia.

Este poeta-crítico contemporâneo português é considerado uma dos autores singulares da literatura contemporânea, pela sua permanente luta contra o indizível da palavra, assim como da poesia. Publicou vários livros de poesias, iniciando a sua carreira literária com *A noção de poema*, em 1972. Sendo autor, ainda, de vários ensaios sobre literatura, exercendo

atividade regular como crítico e ensaísta literário no âmbito acadêmico na Universidade Nova de Lisboa, bem como em jornais: “Expresso” e o “Jornal de Letras e ideias”.

De acordo com Vera Lúcia de Oliveira (2004), em “Poética e metafísica do poente”, a poesia de Nuno Júdice é uma “luta contra o indizível da poesia”, tendo o mistério como a revelação do absoluto que tenta mostrar, pela obsessão em definir o poema, a poesia e o seu enigma. Como se pode perceber nesses versos de “Poema”:

(...) afirmei que a Poesia me acompanhava.
Como se a Poesia fosse algo que nomeasse fisicamente... que tocasse...
E ao constatar numa impossibilidade objectiva, fiz uma experiência
que a confirmava definitivamente: li tudo o que tinha escrito,
Foi como se não tivesse lido nada. Sem me dar conta sequer
de um estilo, de uma gramática, da própria língua... Foi
como se não soubesse ler.
Ao apresentar a narrativa exacta do que aconteceu, descobro
que também aqui não tenho nenhum objectivo, nenhum
pretexto, nenhum facto que justifique o poema. Mas ele:
existe apesar disso. E é por isso mesmo que, sem arte
poética e sem argumentos, o apresento e mantenho. (JUDICE, 2004, p.15)

Vê-se que o poeta busca capturar algo sobre o poema, não desprezando recursos do inconsciente e do sonho procurando nos elementos da natureza formas de reflexão sobre a própria poesia. Tendo, assim, uma aproximação com a poesia moderna, que tem a poesia como espaço de reflexão e de discussão sobre a si mesma. Em “A poética da lucidez”, Maria Esther Maciel afirma que:

Seduzidos pelas construções da razão crítica, muitos poetas modernos converteram a poesia em espaço de reflexão crítica e de debates sobre si mesma, propondo também suplementar o trabalho através de textos teóricos sobre questões pertinentes ao fazer literário, ensaios sobre outros autores e outras obras que lhes são afins, bem como reflexões generalizadas sobre poesia e a cultura de seu tempo e do passado (MACIEL, 1999, p.19).

Segundo a estudiosa Vera Lúcia de Oliveira (2004), apesar da poesia de Nuno Júdice, debruçá-la sobre si mesma, pode-se considerá-la também com uma função de conhecimento e de pesquisa da essência do ser humano. A mesma autora define a poética de Júdice como metafísica, barroca e bucólica, recorrendo aos elementos da natureza para compor os seus poemas.

Acredita-se, ainda, que o poeta não se filia a nenhuma tendência ou grupo literário, como o neorealismo, surrealismo e Poesia de 61. Embora, o poeta ter iniciado a sua produção literária na época desses movimentos literários. Mas, pode-se perceber, em sua obra, vozes

dos grandes clássicos literários, como Camões, Camilo Pessanha e Fernando Pessoa. Vê-se, então, que seu percurso literário é solitário. Nuno Júdice tenta criar sua poesia de forma singular, porém, como já foi dito, ele retoma o cânone literário portuguesa em suas publicações poéticas.

É interessante notar como ressalta Teresa Almeida (2007), no prefácio do volume “Poesia Reunida 1967-2000” que o lirismo de Júdice tinha desde que começou a sua carreira literária uma espécie de força provocativa que anunciava um triunfo da poesia sobre o mundo, tendo um caráter sagrado, isto é, uma dimensão sobrenatural do mundo em que a ausência de Deus se faz sentir.

E, é por causa dessa busca de encontrar um caminho para desvendar o enigma da poesia, cria-se, assim, uma espécie de enumerações caóticas, que estão presentes na poesia moderna como afirma Alfonso Berardinelli: “Um dos procedimentos mais recorrentes e típicos de uma poesia moderna, é a ‘enumeração caótica’” (2007, p. 23). Como nos versos em que o poeta diz: “agora que os evoco, um a um, na lenta enumeração da memória” (JUDICE, 1989, p. 15). Retomam-se, assim, as imagens presentes no inconsciente do sujeito poético para criar a obra *Enumeração de sombras*.

1. Enumerações obscuras

A partir das imagens da memória das vozes poéticas, vê-se que em *Enumerações de sombras*, publicado em 1989, tem-se uma relação com o processo de interiorização do sujeito lírico ao invocar as sombras e o seu duplo: imagens poéticas associadas às estações do ano, os mitos gregos e a própria poesia, através de uma espécie de obscuridade intencional.

A poesia judiciana é parecida com uma espiral e a um labirinto. No espaço poético há uma geometria da intimidade, traçada pela complexidade de uma viagem que busca a origem, uma espécie de encontro pretendido ou de revelação. Isso remete a ideia de rememoração, em que o tempo passado não é nem vazio e nem homogêneo.

A rememoração significa a recusa de um conceito ‘aditivo’ do tempo, que Benjamin atribui à chamada “história universal” [Tese 17^a], e o substitui por um conceito que [...] encontra sua melhor representação na figura da espiral: não se trata simplesmente de trocar linearidade aditiva-horizontal pela linearidade cumulativa-vertical, mas de uma combinação que reúna as duas dimensões, sintetizando a progressão e a repetição (OTTE, 1994, p.228).

Por isso, o poeta retoma os mitos gregos, em sua poética, para construir imagens a partir da rememoração pela narrativa mítica para construir imagens sombrias, que podem ser

consideradas reflexos dos seguintes elementos, como os da natureza, os mitos e a própria poesia, sendo uma tentativa de exaltação a natureza, assim como de sua efemeridade poética e de sua decadência. Serão analisados alguns poemas que podem ser vistos como enumerações obscuras, dentre eles, o mito de Orfeu e Eurídice.

1.1 A obscuridade: o mito de Orfeu e Eurídice.

Júdice revisita o mito grego para criar poemas com imagens de sombras, sobre o amor e a morte. A poesia de Nuno Júdice, em *Enumeração de Sombras*:

Aos mitos de Ícaro e de Orfeu, dois vencidos, poder-se-iam juntar outros, como o da expulsão do paraíso (...) o do baudelairiano albatroz que, tal como aqui o anjo pródigo, se arrasta no convés dos barcos, exilado das alturas, ou ainda o de Babel, que explica a dispersão das línguas e a ausência de sentido. (NAVA, 1991, p. 221)

No poema “Orfeu e Euridice”, Orfeu é uma das expressões do eu poético, revelando-se na sombra entre as sombras. Ele conta sua história em busca da amada Euridice através de representações de imagens obscuras que constrói o seu percurso até o Hades. A descida pelo caminho labiríntico pode ter duas forças antagônicas: uma de sentido de arrumação e outra de sentido de desarrumação, já que existe uma direção que seria a travessia em busca de encontrar a amada. É uma força que impulsiona o sujeito e o espaço poético aos equívocos da subjetividade lírica:

A seiva terrestre molda a lama do espírio.
 Um fragmento de pólen dói por dentro da inspiração
 (último recurso dos silêncios abruptos da nuvem)
 E a adormece o corpo despojado de alma.
 A quem recorrer quando um Deus de oculta deste modo?
 A ortografia seca dos poentes abre o caminho da origem.
 É que algures, entre o gosto monótono do vento.
 E um hábito saciado de adjectivos a palavra perde-se;
 Um confim de água e o reflexo da sombra!
 Soubesse alguém intuir a ruína e o lento desabar dos corpos
 E chamar os pássaros pelos nomes, agora que eles
 Nos evitam de cada vez que um anjo os contamina de treva.
 Ó depositário da opacidade do horizonte:
 Deita-te num berço de silabas subterrâneas, soletrando o abismo.
 Interrompe esse canto
 A luz do outono é vermelha nos cabelos da madrugada
 Quando um gesto súbito abre as persianas do quarto.
 Perco a ordem das colinas
 O sentido único do amor.

Insensível. Deito-me na terra húmida, à beira de um murmúrio de água em busca de um asilo lacustre,
E espero e a palavra do último dos deuses amplos do inverno. (JUDICE, 1989, p.28)

Em outro poema, “Transparência do ar”, através da linguagem poética, tenta-se mostrar a poesia como algo inconcebível:

Há uma proposta essencial, um contrato, que une
a escrita a quem escreve; e não é a cumplicidade do criador
e da criatura, apenas, que pode resumir esse pacto
mas algo de mais profundo: união de existência que concebe o conhecimento
do próprio inconcebível. (JUDICE, 1989, p.62)

Desta forma, a poesia é algo que não concebível. Além disso, o sujeito lírico da obra, *Enumerações de sombras*, realiza através de um processo de interiorização, marcado pela retomada de elementos sombrios da natureza, como a noite, a terra molhada, formando o pântano, um diálogo com a morte em mundo de sombras, de um mundo estéril, sem possibilidade de regresso. Como no poema “Migração”, em que há uma indicação de um caminho sem voltas, um horizonte sem regresso, não sendo possível voltar ao passado:

O caminho do inverno é um rio antigo, deixando,
Nas margens, o húmus estéril dos mortos. Este rio detém-se
Nos prados férteis da vida, entregues ao canto dos pássaros
E a voz fugitiva da húmidas raparigas do poente, (JUDICE, 1989, p.33)

Neste poema, remete-se, ainda, a metáfora da morte, lembrando o caminho para chegar ao Hades, como fez Orfeu para encontrar Eurídice.

Considerações finais

Desse modo, as imagens de “Enumeração de sombras”, de Nuno Júdice são uma espécie de evocação das sombras, da escuridão da própria poesia, que estão à margem de algo, sendo tentativas de mostrar algo inconcebível na própria poesia, talvez um voo sem regresso, não sendo possível voltar do isolamento que se encontra o sujeito poético nesse mundo de sombras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Teresa. **Prefácio de “Poesia Reunida 1967-2000”**. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

BERARDINELLI, Afonso. **Da poesia à prosa**. Tradução Mauricio Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BRUNEL, Pierre. **Dicionários de mitos literários**. São Paulo: José Olympio, 1997.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.

JUDICE, Nuno. **Enumerações de sombras**. Lisboa: Quetzal Editore, 1989.

JUDICE, Nuno. **Por dentro do fruto a chuva**. São Paulo: Escrituras, 2004.

MACIEL, Maria Esther. **Voo transverso**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Poética e metafísica do poente. In: **Por dentro do fruto a chuva**. São Paulo: Escrituras, 2004.

OTTE, Georg; CURY, Maria Zilda Ferreira; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Linha, choque e mônada: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin**. 1994 Tese (doutorado).

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário da mitologia greco-latina**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.